

## Sobre o encontro 1, dia 05/04

Começamos com a exibição de “A Cidade é uma Só?”. O longa-metragem de Adirley era para ser, inicialmente, um projeto para o DOC TV, mas, no processo de filmagem, a equipe percebeu que tentar retratar o passado da Campanha de Erradicação de Invasões apenas pelo olhar de Nancy enfraqueceria o filme, levando-o para uma abordagem nostálgica da afirmação de Ceilândia como território autônomo e não-subserviente de Brasília. Decidiu-se então criar dois personagens ficcionais que constantemente se relacionavam como forças políticas de combate ao poder vindo de Brasília, mesmo marginalizadas por ele. Através desse hibridismo entre História e ficção, o cinema de Adirley dá continuidade e visibilidade à *docuficção* no cinema brasileiro. Recomendamos a entrevista do Adirley à Revista Cinética: <http://revistacinetica.com.br/home/entrevista-com-adirley-queiros/>

Depois, vimos “Vazio do Lado de Fora”. O curta lidava com cenas construídas a partir de fortes marcações de espaço e tempo: por um lado, tínhamos as imagens produzidas em um local cheio de peculiaridades e afetado por um processo histórico específico; por outro, temos uma *mise-en-scène* – termo que o Eduardo usou várias vezes e que quer dizer “a movimentação dos atores diante da câmera” – que cria e revela novas significações constantemente: o diretor nos falou do momento em que o personagem de branco descia pela escada, por exemplo. Essa *mise-en-scène*, marcada também pela utilização de atores profissionais em momentos mais complexos e de moradores do local em outros, poderia levar a uma forte identificação individual do público com certos personagens, mas, como conversamos, o filme, ao invés de fazer isso, se recusava a canalizar a vilania em algum personagem que aparecia na tela, apesar de apontar constantemente para uma certa força de poder por trás das situações retratadas. Eduardo nos trouxe que os sons dos tratores ao fundo das cenas eram, na verdade, sons retirados de tanques de guerra – mais uma forte relação do cinema brasileiro com a docuficção. Através desse jogo com espaço, tempo, e sujeitos na tela, o filme acabou encontrando uma universalidade: Eduardo nos contou que foi exibido na mesma semana no ABC paulista e em um sindicato em São Petersburgo.

Ele nos relatou também sobre as formas de resistência que ele e sua equipe encontraram na vila autódromo. Segundo ele, existia uma forma muito visível de resistir às investidas de desocupação: indo à mídia, fazendo reuniões de moradores com ações organizadas, se reunindo em uma igreja, etc. Ainda assim, existe outra forma de resistência, e essa, segundo Eduardo, só é possível capturar com uma delicadeza estética, com paciência e observação. A equipe notou que a permanência na vila, não com consciência organizada, mas a permanência no cotidiano, o simples estar, era uma forma de resistência interessante de se acessar através do cinema. Somando isso aos direitos que os habitantes da Vila Autódromo pediram (direito a vista, ao silêncio e ao vazio), Eduardo optou por fazer um filme em que a maioria das cenas possuíam apenas um plano – um “plano”, a saber, é tudo aquilo que aparece entre dois corte – e que não tinha uma narrativa com um “lugar para se chegar” no fim. Lembrando que o roteiro do curta foi feito durante uma disciplina da UFF chamada “Cinema e Cidade”, buscando fazer uma reflexão sobre as mudanças que o Rio em função das Olimpíadas de 2016. Convidamos a ler o texto da Revista Moventes:

<https://revistamoventes.com/2017/09/06/vazio-do-lado-de-fora-e-a-impossibilidade-do-lugar-qualquer/>